

A SOCIEDADE EM *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Ana Cledja Silva Lopes¹
Carlos Henrique Valmiral²
Ciro Carlos Antunes³

RESUMO: O presente trabalho apresenta as condutas sociais e sexuais homoafetivos entre as personagens Léonie e Pombinha na obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. As reflexões acerca da obra permite comparar e analisar esses comportamentos ao seu tempo. Assim sendo, ao fazer um paralelo com a realidade da sociedade e sua evolução até a atualidade. O presente trabalho tratará dos temas como: homossexualismo, promiscuidade, traição, por exemplos, ao discutir esses temas e buscar-se fazer uma crítica sobre o *corpus* traçar a relação entre as condutas sociais e sexuais do século XIX. O método utilizado foi de revisão bibliográfica e os resultados obtidos que a classe social quanto mais vulnerável é a mais propensa a corromper com a sua cultura.

Palavras-chave: Homossexualidade. Mulher. Promiscuidade.

ABSTRACT: The present work presents the homoaffective social and sexual behaviors between the characters Léonie and Pombinha in the work *O Cortiço*, by Aluísio de Azevedo. The reflections about the work allow us to compare and analyze these behaviors in their time. Thus, in making a parallel with the reality of society and its evolution to the present. This paper will deal with such issues as: homosexuality, promiscuity, betrayal, for example, when discussing these themes and seeking to criticize the corpus and to trace the relationship between social and sexual conduct of the nineteenth century. The method used was for bibliographic review and the results obtained that the most vulnerable social class is the most prone to corrupt with their culture.

Keywords: Homosexuality. Woman. Promiscuity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as condutas e práticas sexuais presentes, no século XIX, bem como compreender a sua relação com o seu meio social, a partir da obra *O Cortiço*, de Azevedo (1997) ao compará-las com práticas sexuais presentes, na atualidade. Desse modo, para dar apoio ao desenvolvimento do mesmo, buscou-se utilizar materiais de cunho bibliográficos como monografias e artigos de pesquisadores que tratassem desse tema e os materiais foram selecionados e atualizados de acordo a necessidade para o enriquecimento deste trabalho.

¹ Acadêmica do curso Superior de Licenciatura em Letras/Português da UNIMONTES e Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. E-mail: anaclaraledja@hotmail.com.

² Acadêmico do curso Superior de Licenciatura em Letras/Português da UNIMONTES e Graduado em Direito pela Faculdade Guanambi, Guanambi - BA. E-mail: carlosvalmiral2@gmail.com.

³ Professor de Educação Superior da UNIMONTES e Pós-graduação lato sensu, no Instituto Educacional Athenas. E-mail: c.alburquerque@bol.com.br.

Os objetivos específicos são: identificar elementos referentes ao século XIX para caracterizar a sociedade àquele momento e refletir acerca da sociedade deste início do século XXI, observando a representação da obra pela relação entre Léonie e Pombinha, com o tratamento estes ou atribuído à homossexualidade no presente e verificar se o autor da obra estava certo ao afirmar que o meio social e a miscigenação contribuiu para a promiscuidade sexual e a degradação moral do indivíduo e da sociedade durante o século XIX, e, se tais argumentos são considerados válidos na sociedade atual.

Assim sendo, ao ler e realizar um estudo sobre a obra *O Cortiço*, de Azevedo (1997), pode-se observar que a mesma tem como principal temática a degradação moral do indivíduo e da sociedade daquele século. A investigação foi feita com foco principal nas relações conjugais, completamente, desvirtuadas de acordo com a visão do, socialmente, correto para a época.

Em “*O Cortiço*”, Azevedo (1997) mostra, claramente, o relacionamento homossexual entre Léonie e Pombinha. Nesse sentido, apresenta a falta de respeito e ética dos personagens do século XIX comparando-as com as atitudes dos dias atuais. Assim sendo, um episódio que modifica, intensamente, é o ato que Pombinha teve um relacionamento homoafetivo com a rapariga Léonie. Essa era madrinha de Juju que é filha de Augusta Carne-Mole e Alexandre.

Desse modo, em uma dessas visitas, que é, primeiramente, descrita no final do capítulo IX, Léonie indaga por dona Isabel e Pombinha se encontram em suas casas, mas não as veem momento, por que elas tinham partido para a casa de dança. Não obstante, Léonie as aguarda até elas chegarem. De imediato ao vê-las vai estar com Pombinha, à medida que a enaltece, quão grandemente, lhe acaricia, compreende-se que havia um desejo de manter uma afinidade distinta, um ensaio, por artifício de Léonie, de constituir uma relação mais íntima, conforme pode-se constatar na fala de Léonie, a seguir: “Por um pouco que não me apanhas... continuou a cocote na sua conversa com a menina. [...] E mudando de tom, a acariciar-lhe os cabelos: Por que não me apareces!... Não tens que reçar: minha casa é muito sossegada... Já lá têm ido famílias!...” (AZEVEDO, 1997, s/p.).

Desse modo, entende-se que o comportamento das duas não eram aceitos socialmente, por que a cultura brasileira elitizada não comporta a homossexualidade. Assim, pode-se constatar que: “[...] assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, fazendo-lhe uma infinidade de perguntas, e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados” (AZEVEDO, 1997, s/p.).

Por esse viés, percebe-se o querer e a ruptura de uma sociedade pelo seu desejo de ter um relacionamento em busca de um amor, não perfeito, mas construído e vivido a dois. Não obstante, “[...] sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado; levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por baixo da mesa” (AZEVEDO, 1997, s/p.).

Percebe-se que esse comportamento é de um casal que se relaciona, afetivamente. Em seguida, Léonie em afinidade à Pombinha revelou-se que por ela tinha emoções passionais e libidinosos. Portanto, o presente estudo faz-se necessário para averiguar quais as mudanças sociais que a família daquela época diverge da atual e como foram e são as relações afetivas e sociais entre as pessoas, para melhor compreendê-las, na obra, e, assim, compreender tanto a escola naturalista da qual o autor é o seu maior representante, quanto à sociedade da época em que ambos existiram, traçando ainda um paralelo, entre tais relações sexuais e sociais no século XIX e nos tempos atuais.

A segunda metade do século XIX trouxe profundas mudanças políticas, econômicas e sociais. Ocorreu à segunda fase da revolução industrial, revolucionando os meios de transportes e comunicação, além de trazer novas comodidades para a população. O Brasil aboliu a escravidão, proclamou a república e começava-se modernizar.

Entretanto, falar sobre relações sexuais continuavam sendo um tabu, em uma sociedade regida e controlada pelo catolicismo, qualquer tipo de conduta sexual que fugisse à regra era considerada um escândalo. Porém, isto não quer dizer que elas não ocorressem, muito pelo contrário, ocorriam com muita frequência, acontece que evitava-se discutir o assunto. Apenas médicos possuíam liberdade para lidar com essas questões, mesmo porque, segundo os padrões morais da época o sexo era visto apenas como meio de procriação, portanto, cabia à medicina tratar do assunto, além é claro de tratar dos chamados desvios sexuais, qualquer tipo de conduta que contrariasse os padrões vigentes, tais como, homossexualismo, adultério, ninfomania, sadomasoquismo, por exemplos.

Dessa forma, o século XIX pode se considerar hipócrita, pois havia todo tipo de conduta sexual, porém, evitava-se falar no assunto. O casamento era sagrado mais se traía a olhos vistos, os bordéis multiplicavam-se e não raros eram os casos de homossexualismo. Neste contexto social, surge o Naturalismo, estilo literário que tem como características: Foco na análise de comportamentos humanos, sensualismo e erotismo, linguagem coloquial, clara e objetiva, temas sociais, obscuros e polêmicos, personagens patológicas.

Ao tratar de tais temas, numa sociedade, extremamente, conservadora, as obras naturalistas causaram grandes escândalos no meio social, porém, por ser tratar de uma sociedade hipócrita e ávida por assuntos obscuros, os livros naturalistas fizeram enorme sucesso, fossem pelas suas belas histórias, ou até mesmo, pela curiosidade que despertavam em uma sociedade moralista, mais como ressaltado acima, extremamente, hipócrita.

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luiz do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Filho de David Gonçalves de Azevedo e de Emília Anália Pinto de Magalhães, passou a infância e adolescência em São Luiz onde trabalhou em uma biblioteca, desde cedo mostrou grande habilidade para a pintura em 1876 embarcou para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava seu irmão mais velho. Matriculou-se na Academia Imperial de Belas Artes. Mantinha-se fazendo caricaturas para jornais da época, com a morte do Pai em 1878, volta para São Luiz, passa a ser o chefe da família e lá começa a sua carreira como escritor. Fez pequenos trabalhos, até que, em 1881, escreve *O Mulato*, romance que causa grande escândalo na sociedade maranhense, devido a linguagem crua de cunho naturalista e por abordar a questão do preconceito racial. Devido ao sucesso da obra, volta ao Rio de Janeiro em 1881, decidido a ganhar a vida como escritor.

Em 1890, lança sua obra-prima *O Cortiço* tema do atual estudo, dentre várias outras obras publicadas. Em 1895, entra para a diplomacia, momento em que cessa sua atividade literária. Exerce a profissão em vários países até chegar a Buenos Aires, onde faleceu, em 21 de janeiro de 1913, aos 56 anos de idade, foi, inicialmente, enterrado naquela cidade, posteriormente, seus restos mortais foram transferidos para São Luiz onde permanece sepultado.

O autor Aluísio de Azevedo escreveu sua obra com características naturalista e realista, sua obra era de cunho social e mostrava a veracidade real da vida dos personagens do cortiço, que possibilitou ao autor um grande reconhecimento no Brasil e no mundo. De acordo com Bosi, o escritor foi feliz em escrever o livro "*O Cortiço*" que depois de tantas publicações sem ter um peso literário, desta vez o autor acertou.

Segundo Santos (2010, p.201, apud BOSI, 2018, p.14).

Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateu-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista.

De acordo com Bosi, o livro "*O Cortiço*" foi o representante máximo do naturalismo, uma vez que, traz em sua história muitos dos principais temas tratados na referida

escola. Entretanto cabe salientar que o objeto de estudo do presente trabalho foca-se em duas destas características, a saber: sexualismo, erotismo e relações sexuais no século XIX, bem como, se o meio em que o indivíduo está inserido determina a sua personalidade.

Como foi exposto acima, no século XIX, as práticas sexuais que antes eram controladas pela igreja passaram para o controle da ciência, dentre elas o homossexualismo, tal prática era entregue à medicina com a intenção de cura, e também à justiça em caso de resistência ou reincidência. Cabe salientar que a medicina passou a cuidar especialmente da sexualidade feminina, cabe ressaltar que estamos tratando de uma sociedade tipicamente patriarcal, que começa a caminhar para o modelo de família tipicamente burguesa, e a medicina ao tratar da sexualidade feminina, acaba ajudando neste processo, mesmo que não intencionalmente.

Segundo Moreira(2009, p.551, apud MISKOLCI, 2012, 266) afirma que:

[...]uma crescente interferência do discurso médico, que buscou reduzir o poder do velho pater famílias e sublinhar o papel da mãe como responsável pela prole e pelos cuidados privados da unidade doméstica. Não se tratava de incentivar a emancipação feminina, antes de reduzir o poder do patriarca ao mesmo tempo que se estabelecia, em outros termos, a submissão da mulher e dos filhos a uma estrutura familiar diversa da que prevalecera desde a colonização. Nessa perspectiva, concluiu-se que nossa sociedade teria passado por um processo de aburguesamento consolidado na família nuclear monogâmica.

De acordo com texto acima, mesmo vivendo em uma sociedade patriarcal nesta época, já havia mulheres independentes que assumiam o controle de suas vidas, também, mesmo com as perseguições, científicas, jurídicas, religiosas e sociais, não eram raros os casos de homossexualismo. E o caso de homossexualidade descrito na obra "*O Cortiço*" traz os dois aspectos acima citados.

O livro traz a história da relação entre Léonie e Pombinha. Léonie era uma prostituta, saiu do cortiço e frequentava as altas rodas da sociedade carioca com seus amantes, e sempre voltava ao cortiço para ver sua afilhada. Atualmente, se Léonie fosse classificada, seria descrita como uma mulher forte corajosa e a frente do seu tempo, como se pode notar na citação abaixo:

Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçudo chapéu de imensas abas forradas de veludo

escarlate, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas joias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente louro; tudo isto contrastava tanto com as vestimentas, os costumes e as maneiras daquela pobre gente, que de todos os lados surgiam olhos curiosos a espreitá-la pela porta da casinha de Alexandre (AZEVEDO, 1997, p. 50).

Como podemos observar no trecho do texto acima, Léonie era uma mulher muito vaidosa, que sempre saía bem vestida, com roupas extravagantes, perfumada, e é de certo que gostava de chamar a atenção de todos.

Acontece que o naturalismo tem por característica tratar a mulher como objeto sexual, portanto desta forma Léonie sempre é vista de uma maneira pejorativa, ou seja, sempre na busca de satisfazer seu apetite sexual, como podemos ver na citação abaixo.

- Vem cá, minha flor! disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti! E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era (AZEVEDO, 1997 p. 71).

Como podemos observar, Léonie era uma moça muito fogosa e que não dava descanso a ninguém, muito menos as pobres mocinhas do cortiço. Assim sendo, no cortiço havia uma jovem chamada Pombinha, filha de uma viúva, antes com boas condições de vida, teve que se mudar para o cortiço após o suicídio do seu marido. Mesmo assim a mãe da garota, lhe dera boa educação, falava até francês, assim lia e escrevia cartas para todos no cortiço além de prestar outros favores que demandavam uma maior instrução, motivo pelo qual eram adorados por todos, chegando a ser muitas vezes presenteadas pelos moradores, como pode-se constatar, a seguir:

Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir. Prezavam-na com muito respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo (AZEVEDO, 1997, p.17).

Na citação supracitada, mostra como era a vida da personagem Pombinha, de como ela era querida por todos, por ser a pessoa que escrevia as cartas e que lia o jornal de quem vivia no cortiço, Pombinha tinha lá seus privilégios.

A mãe apostava todas as suas fichas no casamento da filha, pois esta casando-se com um bom partido, conseguir sair do cortiço. Pombinha já estava noiva, entretanto como

ainda não havia tido sua primeira menstruação, era aconselhada pelos médicos a não se casar, além do mais, a moça possuía uma saúde frágil.

Em uma das suas visitas ao cortiço, Léonie conhece Pombinha e logo se encanta pela moça, de uma maneira “diferente”, passa a presenteá-la e a visitá-la, constantemente, por fim convida a moça e sua mãe para jantarem em sua casa, estas acabam aceitando. Durante o jantar, Léonie investe contra a moça todo o tempo, por fim quando a mãe desta, já embriagada de vinho vai se deitar, a prostituta entra no quarto da moça e passa a assediá-la, até que termina por praticar um estupro, como podemos observar abaixo.

E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha.

A menina, vendo-se descomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor.

- Deixa! segredou-lhe a outra, com os olhos envesgados, a pupila trêmula.

E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgá-la com os lábios o róseo bico dopeito.

- Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! reclamava Pombinha estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enlouqueciam a prostituta.

- Que mal faz?... Estamos brincando...

- Não! Não! balbuciou a vítima, repelindo-a.

- Sim! Sim! insistiu Léonie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contato com o dela todo o seu corpo nu (AZEVEDO, 1997, p.71).

Como se pode observar a iniciação sexual da Pombinha se deu de forma violenta, através de um estupro, o que mostra um profundo preconceito existente contra o homossexualismo na época, além de ser tratado como algo patológico, no livro acabou sendo ainda relacionado à violência que sugere um estupro.

Após a ocorrência do fato acima transcrito, Pombinha volta para a sua casa, arrepende-se e sente-se culpada diante do ocorrido, vai ao um bambuzal, para refletir, acaba adormecendo. Tem um sonho e ocorre a sua primeira menstruação. Sente-se aliviada, e começa a refletir sobre o futuro casamento.

As preparações para o casório começam a acontecer, porém um acontecimento muda profundamente a visão de mundo da Pombinha, ao escrever uma carta para uma mulher adúltera, a pedido de um morador do cortiço, a moça percebe a fragilidade dos homens ante as mulheres, veja.

_ Diga-lhe que... se ela quiser tornar pra minha companhia... que pode vir... Eu esqueço tudo!

Pombinha, impressionada pela transformação da voz dele, levantou o rosto e viu que as lágrimas lhe desfilavam duas a duas, três a três, pela cara, indo afogar-se-lhe na moita cerdosa das barbas. E, coisa estranha, ela, que escrevera tantas cartas naquelas mesmas condições; que tantas vezes presenciara o choro rude de outros muitos

trabalhadores do cortiço, sobressaltava-se agora com os desalentados soluços do ferreiro(AZEVEDO, 1997, p.77).

A partir deste momento, Pombinha passa a analisar as relações afetivas que presencia no cortiço, e percebe que mesmo parecendo superiores e mais forte, os homens são frágeis e submissos aos caprichos femininos.

Este ponto da obra é interessantíssimo, pois nos permite observar, características da sociedade e do naturalismo presentes na obra, ora o ferreiro Bruno chora por uma mulher adúltera que desrespeitou as regras do matrimônio, e mesmo assim a quer de volta, demonstrando claramente a promiscuidade sexual vigente naquela época, em que o adultério era até mesmo crime, porém, ocorria de maneira frequente e até mesmo natural. A outra questão é a visão naturalista de que o homem é fruto do meio, e que Pombinha foi influenciada pelas relações que observava no cortiço, e como ela se entregou a uma vida de perversão e luxúria.

Conclui-se então, que em nos estudos sobre a obra “*O Cortiço, de Aluísio de Azevedo*”, pode-se observar que no meio em que vivemos pode sim influenciar na vida e nas escolhas das pessoas, e que nos dias atuais ainda existem muito preconceito para com o próximo, e que não importa o tempo que passe a promiscuidade ainda existe, e também que, temos que respeitar as escolhas homo afetivas dos nossos próximos. Portanto, temos que ter jogo de cintura para levar uma vida honesta sem prejudicar os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

RODRIGUES, Monalisa. *Rita Baiana: O preconceito sofrido pela mulher na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo: [trabalho de conclusão de curso]*. Minas Gerais: Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros, 2018.

MOREIRA, Adailson. *A Homossexualidade no Brasil no século XIX*, nº 7, 2012, Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2244/1677>. Acesso em 17 mar. 2018.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000200018. Acesso 17/03/2018

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/carateristicas-do-naturalismo/>. Acesso 17/03/2018

Disponível em: <http://letrascurtidas.blogspot.com.br/2013/09/analise-da-personagem-pombinha-de-o.html>. Acesso 17/03/2018

Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13296/artigo_sobre_homossexualidade-retratada-em-o-cortico. Acesso 17/03/2018